

# Nos interstícios da história<sup>1</sup>

*In the interstices of history*

**Sabina Loriga\***

*Traduzido por Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros<sup>2</sup>*

*Revisado por Dr. Deivy Ferreira Carneiro<sup>3</sup>*

*“Think now  
History has many cunning passages,  
contrived corridors  
And issues, deceives with whispering  
ambitions,  
Guides us by vanities. Think now  
She gives when our attention is distracted  
And what she gives, gives with such  
supple confusions  
That the giving famished the craving”<sup>4</sup>.  
(Thomas Stearns Eliot, *Gerontion*, in  
Poems, 1920).*

## I.

Entre as ideias que Giovanni nos propôs, há uma aparentemente simples: buscar os indivíduos nos interstícios da história. Há uma passagem, nas primeiras páginas de *L'Eredità immateriale*, que ele pronunciou diversas vezes: “nos interstícios dos sistemas normativos estáveis ou em formação, grupos e pessoas utilizam uma estratégia significativa, capaz de marcar a realidade política de uma forma duradoura, não de impedir as formas de dominação, mas de condicioná-las e modificá-las”<sup>5</sup>. Para entender a importância e a complexidade desta ideia, parece-me necessário recordar brevemente como, nos últimos

<sup>1</sup> LORIGA, Sabina. *Negli interstizi della storia* in LANARO, Paola (Org) *Microstoria: a venticinque anni da L'eredità immateriale*. Milano: Franco Angeli, 2011. p. 69-78.  
Versão em português autorizada pela autora (N. do E.).

\* Diretora do Centre de Recherches Historiques na L'ecole des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS.

<sup>2</sup> Professora do Instituto de História Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>3</sup> Professor do Instituto de História Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>4</sup> “Pense agora/ que a história engendra muitas passagens secretas, e corredores tortuosos/  
E questões, que nos enganam com sussurrantes ambições/ E guia-nos por vaidades. Pense  
agora/ Ela somente nos dá algo quando nossa atenção se distrai/ e o que ela dá, o faz de  
maneira confusa e controversa/ Essa doação esfaima o desejo”.

<sup>5</sup> LEVI, Giovanni. *L'Eredità immateriale. Carriera di un esorcista nel Piemonte del Seicento*. Torino: Einaudi, 1985.

duzentos anos, os historiadores imaginaram o e trataram o indivíduo. Evoco dois modos fundamentais de confrontar-se com este problema.

O primeiro é simples – e neste caso não só aparentemente – e definitivo: baseia-se na negação da subjetividade. A partir do século XIX, várias forças têm contribuído para expulsar os indivíduos da história, em nome da totalidade.

Um impulso vem da política. Depois da afirmação de *povo* como sujeito social, a história biográfica parece ofender o desejo de fraternidade e igualdade. Contra a versão monárquica da história, Jules Michelet reivindica a natureza coletiva, frequentemente impessoal, do povo: “*C’est la première mission de l’histoire: retrouver par les recherches consciencieuse les grands faits de la tradition national. Qui pourrait mettre en balance ces voix individuelles, partiales, intéressées, avec la voix de la France? (...) Toute France, de cette conscience intérieure qu’elle a de ce qu’elle fit*”<sup>6</sup>. Michelet não está só. Nos anos da Restauração, o imperativo de Anacharsis Cloots, “*France, tu seras heureuse lorsque tu seras guérie des individus*”, usado como exergo em *Le Tryan*, é compartilhado por outros historiadores, como Auguste Mignet ou Augustin Thierry<sup>7</sup>.

O segundo impulso vem da ciência ou, mais exatamente, de algumas das jovens disciplinas sociais – como a demografia, a sociologia ou a psicologia –, com a intenção de dar às ciências humanas bases científicas, estáveis e objetivas. Tratou-se de um imenso esforço de conhecimento, que induziu a uniformizar os fenômenos, frequentemente eliminando as diferenças e as idiosincrasias. Nos anos de 1830, Lambert Adolphe Quételet cunhou o termo “homem médio”, com a esperança de elaborar uma ‘mecânica social’, capaz de definir as leis que governam os aspectos físico, intelectual e moral. Esta noção sacrifica oficialmente tudo o que é muito particular ou anômalo: “*nous devons, avant tout, perdre de vue l’homme pris isolement, et ne le considérer que comme une fraction de l’espèce. En le dépouillant de son individualité, nous éliminerons tout ce qui est accidentel*”<sup>8</sup>.

Nas décadas seguintes, a ideia de homem médio alcançou grande sucesso. Convencidos de que os seres humanos não se subtraem à lei

<sup>6</sup> MICHELET, Jules. *Histoire de la Révolution française* (1847). Paris: Gallimard, 1952, p.286-288.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. *Le tryan*, préface du 1869 *Histoire de la Révolution française*. Op. cit. p.1004. Apud GÉRARD, Alice *Le grand homme et la conception de l’historie au XIX siècle in, Romantisme. Revue du dix-neuvième siècle*, n°. spécial Le grand homme, 1998, n. 100, p. 31-48.

<sup>8</sup> QUÉTELET, Adolphe. *Sur l’homme et le développement de ses facultés ou Essai de physique sociale*, Paris: Bachelier, 1835, p. 21.

universal da causalidade, Henry Thomas Buckle, Paul Mougeolle, Grant Allen, Paul Lacombe e Louis Bourdeau, insistem na força dos vínculos externos, em particular dos geográficos, representando os seres humanos como formigas que tecem anonimamente a trama da vida social (da mesma maneira que as células reconstrõem os tecidos orgânicos)<sup>9</sup>. Em tal perspectiva, a ciência tem a tarefa de explicar o homem médio de cada raça, renunciando às variações morfológicas e às diferenças individuais.

Mesmo não apreciando o determinismo extremo de Buckle ou de Bourdeau, muitos sociólogos e historiadores compartilharam a ideia de afirmar, de uma vez por todas, a impessoalidade como critério fundamental de cientificidade. Na França, Emile Durkheim escreveu que os indivíduos são elementos perturbadores para as ciências sociais<sup>10</sup>. Essa ideia é retomada, poucos anos mais tarde, por François Simiand, que sustenta que o historiador deve estudar aquilo que é objetivo, independente da espontaneidade individual. Segundo ele, o político, o individual e o cronológico (definidos como os três “ídolos da tribo dos historiadores”) são irrealis e devem ser substituídos pelo repetitivo, o regular e o típico<sup>11</sup>. A ideia de construir uma história impessoal seduz também alguns historiadores alemães, que abstraem das ciências naturais um conceito normativo e absoluto de ciência e o estendem à todas as disciplinas sociais.

Em 1896, Karl Lamprecht escreve que a história não deve ocupar-se exclusivamente com aquilo que é comparável e típico. Assim, os indivíduos não devem ser considerados seres singulares, dotados de características precisas, particulares e únicas, muito menos como seres capazes de influenciar o curso da história, mas como amostras genéricas, equivalentes entre si, dominados unicamente por ideias, sentimentos e impulsos comuns ao grupo ao qual pertencem<sup>12</sup>.

Claro que, também nesse período, não faltavam vozes dissonantes. Mas, infelizmente, muitos daqueles que defendem a dimensão biográfica da história cultivam a retórica da grandeza pessoal. É a segunda maneira de imaginar e tratar os indivíduos. Às forças sociais anônimas, defendidas

<sup>9</sup> BUCKLE, Henry Thomas. *History of Civilization in England*, Londres: John W. Parker an Son, 1858, chapitre 1; ALLEN, Grant Allen. Nation Making. *Gentleman's Magazine*, 1878 (repris dans *Popular Science Monthly Supplement*, 1878, p. 121-126); ALLEN, Grant. The Genesis of Genius. *Atlantic Monthly*, 1881, XLVI, p. 371-381; MOUGEOLLE, Paul. *Les Problèmes de l'histoire*, Paris: C. Reinwald, 1886; BOURDEAU, Louis. *L'histoire est les historiens. Essai critique sur l'histoire considérée comme science positive*, Paris: F. Alcan, 1888; LACOMBE, Paul. *De l'histoire considérée comme science*, Paris: Hachette, 1894.

<sup>10</sup> DURKHEIM, Emile. *Les règles de la méthode scientifique* (1895), Paris: Puf, 1963, p. 10.

<sup>11</sup> SIMIAND, François. *Deutsche Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*, 1896-97, I, p. 75-150.

<sup>12</sup> LAMPRECHT, Karl. Was ist Kulturgeschichte? Beitrag zu einer historischen Empirik, in *Deutsche Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*, 1896, I, p.75-150.

por Simiand e Lamprecht, vêm se contrapor os grandes homens políticos, capazes de moldar o sentido da história. A supremacia do grande homem é perigosa ao menos por dois motivos.

Em primeiro lugar, porque anda de mãos dadas com a supremacia da política, aquela que foi chamada de “política de gabinete”. Em um período marcado por um forte crescimento do poder estatal e da afirmação das massas como sujeito político, muitos historiadores ignoraram os problemas sociais e identificaram a política com a ideologia manifesta, formal, das instituições do Estado<sup>13</sup>. Os perigos presentes em uma definição assim idealizada da política, tornaram-se evidentes nos anos seguintes, durante e depois da Primeira Guerra Mundial, quando muitos historiadores da política se mostraram incapazes de entender as trágicas tensões sociais que envolveram a Alemanha e, de forma mais geral, a Europa.

Além disso, a noção de grandeza resulta na exaltação do sucesso. Em 1902, o historiador da antiguidade Eduard Meyer se pergunta: quais são os critérios para selecionar o passado<sup>14</sup>? Entre aqueles indicados está o da eficácia histórica (*historische Wirksamkeit*): aquilo que foi não interessa porque foi, mas porque continua em ação. O historiador não estuda Platão ou a Capela Sistina em si, mas se concentra apenas nos aspectos que parecem ainda estar operantes. O critério de eficácia histórica explicaria a primazia dos povos civilizados: foram e são os mais eficientes... Os mesmos critérios de seleção se aplicam à biografia. Meyer está interessado só nas personalidades historicamente determinantes, sendo-lhe os demais seres humanos indiferentes. Parece-me importante destacar que esta distinção entre *determinantes* e *indiferentes* não tem nenhuma relação com os valores individuais da pessoa. Alguns grandes homens – segundo ele, é o caso de César – não deixaram suas marcas, enquanto que espíritos inferiores, às vezes francamente desprezíveis, como Luis XV ou Carlos da Inglaterra, influenciaram profundamente o futuro de uma nação. Só estes últimos são determinantes.

No decorrer do século XX a contraposição entre estes dois modos de pensar recrudescceu e se banalizou: ao mesmo tempo em que a história

<sup>13</sup> Encontramos esse tipo de abordagem em *History and Biography. Essays in Honour of Derek Beales*, edited by T.C.W. Blanning and David Cannadine, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

<sup>14</sup> MEYER, Eduard. Zur Theorie und Methodik der Geschichte (1902), in *Kleine Schriften zur Geschichtstheorie und zur Wirtschaftlichen und politischen Geschichte des Altertums*, Halle: Verlag Max Niemeyer, 1910, p. 1-67. A questão da seleção do passado havia sido colocada oito anos antes por Wilhelm Windelband, *Geschichte und Naturwissenschaft. Rede zum Antritt des Rektorats* (1894), tr. fr. “Histoire et sciences de la nature. Discours prononcé au rectorat de Strasbourg. *Les Etudes philosophiques*, 1999.

social cultivou a sua vocação impessoal, a história política continuou a oferecer personagens convencionais.

## II.

Para mim, o encontro com Giovanni significou a tentativa de superar estes dois modos extremos e opostos de pensar – talvez seria melhor dizer, de não pensar – os indivíduos do passado. Como? Graças a dois gestos complementares, que já foram destacados em outras ocasiões.

Primeiro, *L'Eredità immaterale* (junto a outros textos de micro-história: penso, em primeiro lugar, no *Formaggio e i vermi*<sup>15</sup>), introduziu o singular no social<sup>16</sup>. É um gesto que merece ser apreciado. Porque os indivíduos que povoam os textos de Giovanni – Giovan Battista Chiesa, seu pai Giulio Cesare, ou, para ampliar a citação a outros textos, don Pietro Galvagno Sibaldi – não têm nenhuma relação com a retórica da grandeza nem com o individualismo neoliberal que fez tanto sucesso nos últimos vinte anos. São figuras frágeis, modestas, incertas, às vezes um pouco pálidas (Giacomo Debenedetti, diria, feias<sup>17</sup>). São também seres muito dependentes: dos outros seres humanos e das instituições. Por sua *dependência dialógica*, lembram alguns personagens de Dostoevskij, descritos por Michail Bachtin (e dos quais Giovanni me falou um dia, há muitos anos, em Torino, na rua Po)<sup>18</sup>. Não governam a situação, muito menos o significado ou o sentido da história. Mas, nem por isso são insignificantes: tanto aqui quanto lá, falam, agem e analisam<sup>19</sup>. Como escreve Bachtin, são “objetos das palavras do autor, mas também sujeitos da própria palavra, imediatamente significante”. Em suma, são figuras que permitem escapar da falsa escolha entre glorificação e humilhação da subjetividade.

O segundo gesto diz respeito ao contexto histórico. Remexendo nos interstícios do passado, Giovanni mostrou como não existe uma norma única, capaz de abranger toda a experiência social, assim como as diversas regras, às vezes em conflito entre si. Isso significa que o poder central, o

<sup>15</sup> GINSBURG, Carlos. *Il formaggio e i vermi. Il cosmo di un mugnaio del '500*. Torino: Einaudi, 1976.

<sup>16</sup> REVEL, Jacques. Microanalyse et construction du social, in REVEL, Jacques (org) *Jeux d'échelles. La micro-analyse à l'expérience*. Paris: Gallimard, 1996.

<sup>17</sup> DEBENEDETTI, Giacomo. *Il personaggio uomo*. Milan: Garzanti, 1970.

<sup>18</sup> BACHTIN, Mihail Bachtin. *Problemy poetiki Dostoevskogo*, 1963, tr. it. *Dostoevskij: poetica e stilistica*. Torino: Einaudi, 1968.

<sup>19</sup> Deste ponto de vista lembram muito a noção de indivíduo proposta por RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

mercado, as instituições do Estado e a comunidade das aldeias não são conjuntos fechados. E não são nem mesmo instrumentos que funcionam em uníssono. Creio que esta visão permitiu a muitos de nós descobrir como o contexto histórico se assemelha não a um conjunto compacto e coerente, mas a um tecido conectivo com campos elétricos de diversas intensidades. É graças a estas diversas forças elétricas que os indivíduos podem falar, agir, analisar<sup>20</sup>. Nesta perspectiva, a tarefa do historiador não é unificar um material não homogêneo e construir um discurso único sobre o passado, mas enriquecer com diferentes fragmentos, possíveis discursos<sup>21</sup>.

Espero que agora esteja mais claro porque, no início, disse que a ideia de remexer nos interstícios, no que Thomas S. Eliot chama de “[as] passagens ambíguas, e [os] tortuosos corredores” do passado, é simples só aparentemente. Gostaria de acrescentar que, além de abalar uma posição historiográfica consolidada, esta ideia representou um retorno ao classicismo. Conhecendo a paixão de Giovanni pela revolução, o apelo ao classicismo pode parecer deslocado. Além disso, esta ideia permitiu restaurar a consciência de que o mundo não é uma totalidade social independente (um “sistema” ou uma “estrutura” impessoal, superior aos indivíduos), mas uma realidade viva, capaz de restituir à história uma dimensão ética fundamental. Gostaria que não houvesse mal-entendido: quando digo ética não falo de moral. Não estou pensando em uma história exemplar, que pretende dar lições de vida, mas em uma história mais atenta ao drama da escolha.

### III.

Mas o que acontece hoje, com essa ideia aparentemente simples? A dimensão individual tornou-se um problema importante para grande parte da historiografia. Nos anos de 1980, os historiadores sociais, tradicionalmente mais sensíveis à dimensão coletiva da experiência histórica, começaram a refletir sobre os destinos pessoais<sup>22</sup>. Não só. Desde então, a biografia se democratizou: os livros sobre homens e mulheres *comuns*, começam a se tornar numerosos<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> Sobre este propóstito, ver GRENDI, Edoardo. Microanalisi e storia sociale in *Quaderni Storici*, 1977, 35, p.506-520, que formulou o oxímoro “excepcional normal”.

<sup>21</sup> LEPETI, Bernard (org) *Les formes de l'expérience. Une autre histoire sociale*. Paris: Albin Michel, 1995.

<sup>22</sup> Tentons l'expérience. *Annales E.S.C.*, 1989.

<sup>23</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *The Returno f Martin Guerre*. Cambridge Mass: Harvard University Press, 1983; MÉNÉTRA, Jacques-Louis. *Journal de ma vie. Jacques-*

Todavia, a ideia de remexer nos interstícios da história à procura de fragmentos de significado – ou mais precisamente, as formas como essa ideia foi recebida e interpretada – apresenta alguns problemas. A este respeito, gostaria de destacar três diferentes questões: diferentes do ponto de vista conceitual, mas também porque envolvem círculos (talvez seria mais correto dizer grupos) de leituras variadas. Trata-se, sobretudo, de impressões sobre as quais tenho o prazer de discutir com Giovani e com todos vocês.

A primeira questão diz respeito a um equívoco, surgido dentro de um pequeno círculo formado por amigos e companheiros de estrada. Parece-me que, às vezes, interpretamos o desafio lançado por Giovanni, de cultivar intensamente o passado (quando escreveu que reconstruiu os “eventos biográficos de cada morador da aldeia de Santena que tenha deixado um traço documental”), de modo excessivamente literal. Esquecendo do “grau metafórico” de Giovanni, nutrimos duas esperanças impossíveis: a de fazer ressurgir, verdadeiramente, “cada habitante” e de elaborar categorias interpretativas que sejam plenamente aderentes à realidade empírica. A ideia do conhecimento como cópia integral da realidade. Sei que eu, pessoalmente, tenho experimentado esse equívoco na minha pesquisa sobre o exército – e creio que foi um dos motivos pelos quais, nestes anos, tive necessidade de me confrontar com a historiografia do século XIX. Repensando algumas conversas que tive – em especial, com Maurizio, Simona Cerutti e, voltando ainda mais atrás no tempo, com Ângelo e com Sandra Cavallo – me pergunto se fui a única a ter tomado literalmente uma metáfora.

Também o segundo problema é fruto de um mal-entendido. Difundiu-se em um círculo maior, ou mais distante, e diz respeito à questão das relações de poder. Sempre me impressionou como a metáfora do interstício foi capaz de suscitar a ideia de que tudo é possível, que tudo é negociável, que tudo é estratégico. Como é possível uma leitura assim, tão precisa? Não tenho uma resposta. Talvez seja o resultado de uma assimilação apressada da micro-história e de outras correntes de pensamento – como o interacionismo simbólico ou a etnometodologia. Ou – me pergunto – seria o reflexo de alguns temas existenciais que vão

---

*Louis Ménétra, compagnon vitrier au 18e siècle.* Daniel Roche/Paris: Montalba, 1982; ROSENSTONE, Robert A. *Mirror in the Shrine: American Encounters with Meiji Japan.* Cambridge Mass: Harvard University Press, 1998; CORBIN, Alain. *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot, sur les traces d'un inconnu, 1798-1876.* Paris: Flammarion, 1998; Donna Merwick, *Death of a Notar: conquest & change in colonial New York.* Ithaca/NY: Cornell University Press, 1999; ARTIÈRES, Phillipe et KALIFA, Dominique. *Le tueur des femmes. Une biographie sociale.* Paris: Perrin, 2001; VALENSI, Lucette. *Mardochee Naggiar.* Paris: Stock, 2008.

muito além do âmbito historiográfico? De qualquer forma, parece-me que esta leitura tenha bem pouco a ver com os textos de Giovanni e, em geral, com a micro-história. Como nos recorda Eliot, os interstícios são estreitos, ambíguos e tortuosos. Pressupõem paredes e, em geral, as paredes são feitas de pedras, de cimento, de *drywall*, de materiais duros e pesados, que podem ferir.

Com o terceiro problema, nos distanciamos ainda mais da *L'eredità immateriale*. Já não temos que lidar com equívocos, mas com um mito: o da impessoalidade. Tenho a impressão que, não obstante a moda biográfica, o velho projeto de esvaziar o passado, ou a vida *tout court*, continua a seduzir. Diferentemente de antes, agora vem justificado com nova argumentação, mais insinuante. Não se fala mais do princípio de causalidade ou de critérios de cientificidade, como faziam Lamprecht ou Simiand, mas de narrativas.

Como você deve lembrar, o primeiro a usar a narrativa para rebater aquele mito foi Pierre Bourdieu, em seu célebre artigo sobre ilusão biográfica, publicado um ano depois de *L'eredità immateriale*. Naquela ocasião, Bourdieu fez duas afirmações relevantes. Primeiro, nega a possibilidade de individualização: segundo ele, tudo o que existe de individual em uma vida é o nome próprio; além de não ser um ator social, o ser humano não pode nem mesmo ser narrador de si mesmo, porque as leis que determinam “a produção dos discursos” também regulam o discurso sobre si. Além disso, Bourdieu define a narrativa histórica (uso este termo de modo amplo, para indicar qualquer narrativa que pense a vida como *história*), como uma ilusão primitiva, típica do senso comum, que descreve a vida como uma trajetória ou uma carreira, com início, fases e meta<sup>24</sup>. Todo o raciocínio é fundado sobre uma precisa, ainda que implícita, tripartição hierárquica entre o desprezível senso comum, o tradicional discurso romântico e a moderna vanguarda. Os dois primeiros seriam ainda prisioneiros da ilusão biográfica, enquanto que o terceiro teria, finalmente, eliminado as noções de sentido, sujeito e consciência. Como já disse, penso que Bourdieu deforma profundamente a reflexão dos grandes romancistas da virada do século XX. Ou, mais precisamente, que coloca em foco a reflexão através dos olhos um pouco míopes do *nouveau roman*. O que conta é que a acusação da ilusão biográfica é usada, não para experimentar novos modos de narrar, mas contra cada tentativa de recuperar fragmentos de sentido nos interstícios.

Em 2004, o mito ressurgiu com uma veste ainda mais *trendy*. Em um artigo com título significativo, “Against Narrativity”, Galen

<sup>24</sup> Pierre Bourdieu, “L’illusion biographique”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1986, p. 62-63, 69.

Strawson reivindica as qualidades do episódico contra o diacrônico, afirmando que não há nenhuma necessidade psicológica ou moral em pensar a própria vida em termos históricos ou narrativos. No seu elogio à descontinuidade, chega ao ponto de negar a estratificação temporal da experiência: “está claro para mim que os eventos do meu passado mais remoto não aconteceram comigo. (...) Isto não significa que não tenho nenhuma recordação autobiográfica daquelas experiências. Eu as tenho. (...) Mas não sinto como se tivessem acontecido comigo<sup>25</sup>. Nessa perspectiva, Strawson sugere que as noções de história (narrativas) e de personalidade são antiquadas, convencionais e inúteis para descrever a realidade.

Escritos com um intervalo de vinte anos um do outro, os artigos de Bourdieu e de Strawson são destinados a diferentes interlocutores: enquanto o primeiro diz respeito essencialmente ao uso da história de vida por parte das ciências sociais, o segundo se insere no debate filosófico e cognitivista sobre a natureza, real ou fictícia – do Ser<sup>26</sup>. E se fundem sobre argumentações diferentes: a paisagem descrita por Bourdieu é composta por trilhos contínuos e fixos (como indica a metáfora do metrô); e a de Strawson, de traços descontínuos, incertos e precários. Ainda assim, ao final o resultado é o mesmo: não há mais interstícios, não há história, não há indivíduos. Ao que parece, o mito da impessoalidade é uma máquina capaz de utilizar muitas linguagens.

Recebido em: 30 de setembro de 2014

Aprovado em: 8 de novembro de 2014

---

<sup>25</sup> Galen Strawson, “Against Narrativity” (2004) in Galen Strawson, *The Self?*, Malden, MA, Blackwell Publishing, 2005, p.63-86. Cf. aussi Galen Strawson, “A fallacy of our Age. Not every life is narrative”, *Times Literary Supplement*, 15 octobre 2004, p.13-15.

<sup>26</sup> O objetivo do polêmico artigo de Bourdieu são os historiadores orais (em particular, Daniel Bertaux), enquanto o de Strawson é uma nebulosa muito variada, que vai de Hannah Arendt a Paul Ricoeur, de Charles Taylor a Alisdair MacIntyre, da Oliver Sacks a Jerry Bruner e Dan Dannet.